



ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SISTEMA PRISIONAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

SOLIDARITY ECONOMY IN THE PRISON SYSTEM: AN EXPERIENCE IN UNIVERSITY EXTENSION

Gabrielly da Silva Rodrigues   Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.

Sabrina Aparecida Fernandes   Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.

Deivis Perez   Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.

ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SISTEMA PRISIONAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

SOLIDARITY ECONOMY IN THE PRISON SYSTEM: AN EXPERIENCE IN UNIVERSITY EXTENSION

Gabrielly da Silva Rodrigues¹
Sabrina Aparecida Fernandes²
Deivis Perez³

Resumo: A presente proposta de resumo visa apresentar a experiência de um projeto de extensão universitária desenvolvido em 2023 na Penitenciária de Assis-SP, por alunas do curso de Psicologia da Unesp - Faculdade de Ciências e Letras (FCLAs), com foco na introdução crítica à Economia Solidária junto a pessoas privadas de liberdade em regime semiaberto. Fundamentado na perspectiva do materialismo histórico-dialético, em diálogo com a pedagogia freireana e com os aportes da tradição marxista, o projeto propôs uma abordagem da Economia Solidária não apenas como alternativa de geração de renda, mas como prática política e educativa capaz de tensionar os fundamentos da sociabilidade capitalista. Com isso, buscou-se instaurar um espaço coletivo de escuta, formação e imaginação política, em que os participantes fossem reconhecidos como sujeitos históricos, produtores de saberes e protagonistas de processos de transformação social.

Palavras-chave: Economia Solidária; Penitenciária; Educação Popular; Psicologia.

Abstract: This summary proposal aims to present the experience of a university extension project developed in 2023 at the Assis-SP Penitentiary, by students of the Psychology course at Unesp - Faculty of Sciences and Letters (FCLAs), focusing on the critical introduction to the Solidarity Economy with people deprived of liberty in a semi-open regime. Based on the perspective of historical-dialectical materialism, in dialogue with Freirean pedagogy and with the contributions of the Marxist tradition, the project proposed an approach to the Solidarity Economy not only as an alternative to income generation, but as a political and educational practice capable of stressing the foundations of capitalist sociability. With this, we sought to establish a collective space of listening, formation and political imagination, in which the participants were recognized as historical subjects, producers of knowledge and protagonists of processes of social transformation.

Keywords: Solidarity Economy; Penitentiary; a Popular Education; Psychology.

¹ Graduanda pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Email: gabrielly.rodrigues@unesp.br.

² Graduanda pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Email: sa.fernandes@unesp.br.

³ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), psicólogo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), é docente no curso de Psicologia na UNESP/Assis. Desenvolve Pesquisas na área de Psicologia Social. Email: deivs.perez@unesp.br.

INTRODUÇÃO

O sistema penitenciário brasileiro estrutura-se historicamente sobre práticas punitivas que, longe de promover a ressocialização, aprofundam processos de exclusão social, racial e econômica. Diante desse cenário, uma Psicologia plural e comprometida com os direitos humanos precisa lançar um olhar crítico às instituições que subalternizam determinados grupos sociais e perpetuam formas de violência simbólica e material.

Foi a partir dessa perspectiva que, em 2023, alunas do curso de Psicologia da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras desenvolveram um projeto de extensão na Penitenciária de Assis (SP), voltado a homens em regime semiaberto. Fundamentado no materialismo histórico-dialético e na Psicologia histórico-cultural, o projeto teve como objetivo apresentar o conceito de Economia Solidária às pessoas privadas de liberdade, promovendo não apenas uma alternativa econômica, mas um espaço educativo capaz de fomentar consciência crítica.

Inspirado pelos princípios da educação popular, o projeto reconheceu os participantes como sujeitos historicamente situados e dotados de saberes próprios, capazes de refletir sobre sua realidade e projetar outras formas de existência. A proposta buscou, assim, estimular a construção coletiva de conhecimento e a valorização de práticas baseadas na solidariedade, na cooperação e na autonomia.

O presente trabalho tem como objetivo relatar essa experiência, destacando as metodologias adotadas, os desafios enfrentados e os principais efeitos observados ao longo do processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada fundamenta-se na pedagogia freireana e na tradição crítica da extensão universitária, compreendendo a educação como prática coletiva, dialógica e comprometida com a transformação das realidades sociais. O projeto foi desenvolvido com cerca de vinte homens em regime semiaberto na Penitenciária de Assis (SP), mediante adesão voluntária dos participantes.

Organizado em duas frentes complementares, o projeto articulou encontros quinzenais com os internos no espaço prisional e reuniões semanais com o docente

supervisor no ambiente universitário. Essa estrutura permitiu um planejamento pedagógico contínuo e o aprofundamento formativo das alunas extensionistas, responsáveis pela mediação das oficinas. As atividades, com duração média de duas horas e meia, pautaram-se pela escuta ativa, pela valorização dos saberes prévios e pelo reconhecimento das trajetórias dos participantes.

As reuniões de supervisão desempenharam papel central no amadurecimento crítico das alunas e na construção do percurso pedagógico. Foram estudadas obras que fundamentaram os conteúdos e as metodologias aplicadas, com destaque para Foucault (2021), Marx (1844), Kohl (1993), Souza e Andrada (2013) e Singer (2002), além de textos voltados à economia solidária, ao cooperativismo e à educação em contextos de exclusão.

As oficinas integraram aspectos teóricos, afetivos, artísticos e políticos, com estratégias diversificadas como rodas de conversa, leitura coletiva, dinâmicas de grupo, produções visuais e musicais, dramatizações e exibição de vídeos. Os conteúdos foram trabalhados de forma dialógica e contextualizada, sempre partindo das experiências concretas dos participantes.

A escolha por múltiplas linguagens — oral, escrita, visual, corporal e musical — buscou respeitar as singularidades dos sujeitos, reconhecendo que cada pessoa acessa os conteúdos, expressa-se e se engaja nos processos formativos de maneiras distintas. Essa diversidade metodológica visou ampliar as possibilidades de participação e favorecer a construção coletiva do conhecimento.

Por tratar-se de uma ação extensionista, não houve coleta formal de dados. A sistematização da experiência foi realizada a partir de registros em diários de campo, anotações das reuniões de supervisão e materiais produzidos durante os encontros.

RESULTADOS

A experiência extensionista possibilitou a criação de um espaço de escuta e expressão de vivências silenciadas. Surgiram relatos marcados pela estigmatização social, pela exclusão do mercado de trabalho e pelas condições precárias de vida anteriores ao encarceramento, favorecendo o reconhecimento de trajetórias comuns entre os participantes.

Com o avanço dos encontros, observou-se maior envolvimento dos participantes, especialmente em atividades artísticas como a criação de letras de música e desenhos, que se mostraram potentes para acessar temas complexos de forma simbólica. A proposta de elaborar cooperativas fictícias, por exemplo, revelou inicialmente uma dificuldade em romper com a

lógica individualista do “empreendedor de si”, o que gerou reflexões sobre o trabalho coletivo e as contradições da lógica capitalista.

Também emergiram tensões ideológicas, como no episódio em que críticas ao MST foram confrontadas por outro participante, que se posicionou com orgulho em relação à atuação do pai no movimento. Esses momentos revelaram a diversidade política do grupo e a capacidade do espaço formativo de acolher conflitos como parte do processo pedagógico.

As extensionistas também foram afetadas pela experiência, especialmente no manejo da escuta e na leitura crítica das tensões institucionais. A prática exigiu constante adaptação às condições impostas pelo cárcere, à rotatividade dos participantes e às diferenças nos níveis de escolaridade, o que impactou diretamente a continuidade dos processos.

Apesar das limitações estruturais, os encontros promoveram vínculos marcados pela escuta e pela construção coletiva, permitindo aos participantes vislumbrar formas alternativas de organização da vida e do trabalho, mesmo em um contexto adverso.

DISCUSSÃO

Os resultados observados ao longo do projeto indicam que a realidade vivida pelos sujeitos privados de liberdade constitui terreno fértil para a construção de reflexões críticas sobre as estruturas que sustentam a desigualdade social. As falas dos participantes, suas vivências laborais e as críticas ao sistema produtivo revelaram um saber enraizado na experiência concreta de opressão, que permitiu articular teoria crítica e vivência material de forma potente.

Nesse sentido, a categoria de alienação do trabalho, conforme elaborada por Marx (2004), mostrou-se particularmente relevante para a compreensão das

dinâmicas abordadas nas oficinas. Ao tematizar a separação entre trabalhador e produto, a fragmentação da atividade e a perda de sentido na produção, foi possível identificar, nos relatos dos participantes, a internalização de lógicas de exploração que antecedem e, em muitos casos, acompanham o processo de encarceramento.

Tais reflexões também apontam para a formação de uma consciência crítica sobre o lugar dos sujeitos nas engrenagens da ordem capitalista. Em diálogo com Gramsci (1991), é possível compreender esses movimentos de fala e elaboração como parte de um processo de contra-hegemonia, no qual a escuta e a partilha de experiências assumem caráter político e formativo.

A introdução da Economia Solidária como eixo central das oficinas ampliou o repertório dos participantes e propôs uma ruptura, ao mesmo tempo simbólica e concreta, com a lógica do trabalho subordinado ao capital. Segundo Singer (2002), esse modelo se baseia na cooperação e na autogestão, oferecendo caminhos para pensar formas alternativas de organização do trabalho.

Ainda que em estágio inicial, a apropriação desses princípios constituiu um exercício coletivo de ressignificação do trabalho e de construção de futuros possíveis. As propostas de cooperativas fictícias elaboradas no encerramento do projeto, bem como a produção de estrofes inspiradas em vivências pessoais, revelaram a capacidade dos participantes de imaginar outras formas de vida — movimento que se alinha ao que Boaventura de Sousa Santos (2005) denomina “imaginação política”.

Por outro lado, as limitações enfrentadas durante o processo evidenciam os mecanismos de controle e exclusão que estruturam o sistema prisional. A rotatividade dos sujeitos e os diferentes níveis de escolarização revelam desigualdades educacionais históricas que, conforme Saviani (1996), dificultam o acesso pleno à formação e reforçam o ciclo de marginalização. Ao mesmo tempo, a censura a determinados materiais e o controle sobre os conteúdos abordados nas oficinas expõem o caráter disciplinador da instituição. Como analisa Foucault (2021), o cárcere opera não apenas pela vigilância e contenção física, mas pela regulação moral e simbólica das práticas, saberes e afetos que circulam em seu interior.

A presença de disputas ideológicas no cotidiano da penitenciária, especialmente com instituições religiosas, reforça o papel do cárcere como aparelho

de reprodução de uma ordem moral específica. Nesse cenário, o projeto extensionista assumiu uma posição de resistência ao propor práticas formativas baseadas na escuta, no diálogo e na valorização das experiências concretas dos sujeitos.

Ainda assim, a prática extensionista demonstrou que, mesmo em contextos repressivos, é possível construir processos educativos politicamente comprometidos e éticos. A escuta ativa, o reconhecimento das trajetórias dos participantes e a aposta na construção coletiva permitiram enfrentar as limitações institucionais sem abrir mão de uma pedagogia orientada pela transformação social. Em sua dimensão formativa, o projeto reafirmou a potência da educação crítica como espaço de resistência, criação e politização da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a Economia Solidária, embora enfrente limites estruturais para fornecer respaldo econômico consistente a pequenas cooperativas, constitui uma alternativa viável e simbólica para egressos do sistema prisional diante da estigmatização no mercado de trabalho. O projeto de extensão não se limitou à difusão técnica desse modelo, mas buscou introduzir seus princípios a partir de uma perspectiva emancipatória, mobilizando reflexões críticas sobre trabalho, competitividade, lucro e cooperação.

Apesar das contradições enfrentadas, foi possível construir um espaço de troca que favoreceu o reconhecimento da autonomia e da posição política dos sujeitos envolvidos – o que impactou não apenas os participantes, mas também as estudantes extensionistas, que vivenciaram uma formação ética e afetiva indissociável do compromisso teórico.

A experiência revelou que o exercício da Psicologia com pessoas em situação de vulnerabilidade exige, para além de referencial técnico, escuta ativa, olhar humanizado e sensibilidade aos determinantes sociais e culturais que atravessam o sofrimento psíquico.

Por fim, reafirma-se que práticas de educação popular em contextos de encarceramento têm potencial formativo profundo e representam um campo fértil

para a construção de uma Psicologia popular, crítica e desvinculada da lógica adaptativa do capital.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 355–365, jul./set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F937bxTgC9GgpBJ8QhCKs6F/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.